

## **O jornalismo de subjetividade no quadrinho Vozes (In)visíveis: relatos de resistência LBT em Campo Grande (MS)<sup>1</sup>**

Tainá Mendes Jara<sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Marina Duarte Ferreira Maidana<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS

### **RESUMO**

Buscamos nesse trabalho apresentar elementos que caracterizam a proposta de jornalismo de subjetividade de Fabiana Moraes (2019, 2022) e Márcia Veiga (2019), na HQ-reportagem “Vozes (In)visíveis: Relatos de resistência LBT em Campo Grande (MS)”. Para melhor diálogo com o objeto, buscamos inspiração no método cartográfico (Martín-Barbero, 2004 e Rosário; Coca, 2018, p. 40) e na escrevivência (Evaristo, 2020). Chegamos ao resultado preliminar de que a produção atende aos cinco critérios definidos na proposta de jornalismo de subjetividade, além de dialogar com um novo campo de estudo do Jornalismo em Quadrinhos (JQ) proposto por Paim (2014) e Gimenes (2023).

### **PALAVRAS-CHAVE**

Jornalismo de Subjetividade; Jornalismo em Quadrinhos; Gênero; Cartografia; Escrevivência.

### **NOS LOCALIZANDO ENQUANTO FERRAMENTAS METODOLÓGICAS**

Nos localizar para além de pesquisadoras, mas enquanto seres sociais é importante para explicar nossa relação com o objeto no exercício de pesquisa aqui proposto: apresentar os elementos do jornalismo de subjetividade (Moraes e Veiga, 2019; Moraes, 2022) na HQ-reportagem “Vozes (In)visíveis: Relatos de resistência LBT em Campo Grande (MS)”. Além de contemporâneas do curso de jornalismo da UFMS, a militância feminista e o trabalho em publicações contra hegemônica une nossas histórias e é responsável por questionamentos que fazemos ao jornalismo e respaldam esse trabalho.

Dos mais de dez anos de atuação nos principais jornais da imprensa tradicional de Mato Grosso do Sul, Tainá trouxe questionamentos a respeito, principalmente, das

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho de Comunicação Visual, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

<sup>2</sup> Jornalista e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: tainajara@gmail.com.

<sup>3</sup> Quadrinista, Acadêmica do curso de Letras - Licenciatura em Português, Espanhol e Suas Literaturas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e integrante do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ/UEMS). E-mail: marduarte@gmail.com.

abordagens dos casos de violência contra mulher a partir de aspectos observados nas atuações em movimentos sociais de mulheres, o que acabou se tornando seu objeto de pesquisa no mestrado. Ilustradora, cartunista e quadrinista, Marina Duarte é fundadora da Revista Badaró, de jornalismo independente, e publicou trabalhos em veículos de renome nacional, sendo autora e ilustradora da HQ-reportagem aqui analisada, nascida de um projeto de execução cultural pela Lei Paulo Gustavo e com a edição, produção e apoio da Avuá, editora de Campo Grande (MS).

A descrição das nossas atuações em terceira pessoa é imprescindível por fazer parte do processo metodológico proposto. Nossa experiência social enquanto mulheres traz contribuições a pesquisa. Dessa forma, nos inspira neste trabalho uma perspectiva cartográfica aplicada à pesquisa em comunicação, cujo olhar é voltado para as multiplicidades, diferenças e subjetividades, ou seja, se contrapondo “aos princípios da ciência moderna que coloca em evidência a objetividade, o raciocínio lógico e a fixidez de modelo metodológico” (Rosário; Coca, 2018). Como veremos, tais princípios vão de encontro a proposta de jornalismo de subjetividade, sendo, portanto, uma questão de coerência a articulação dessas ferramentas ao conceito trabalhado. Tal perspectiva, considera ainda a subjetividade do cartógrafo-pesquisador, formada por seus aspectos tanto sociais como políticos e culturais; na sua relação com o objeto, o que dialoga com os estudos do filósofo Jesús Martín-Barbero. O autor, além de apresentar uma crítica aos modelos hegemônicos utilizados nas análises, destaca as mediações dos sujeitos como elemento de resistência à dominação, articulando “as práticas de comunicação com as dinâmicas culturais e movimentos sociais” (Martín-Barbero, 2004, p. 20). Nossa forma de trabalhar também dialoga com a proposta literária das escrevivências. Ferramenta utilizada para descrever a experiência das pessoas brasileiras de origem africana, mas que, ao mesmo tempo, consegue “compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana” (Evaristo, 2020, p.31). Tal método também é identificado na própria narração da história em quadrinhos, já que a autora se coloca como personagem da história.

## **HQ E JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE: UMA POTÊNCIA**

Diante de constatações como as de que o jornalismo tem um gênero, no caso, o masculino, e ainda manifesta valores de classe, geração, brancos e heterossexuais (Veiga da Silva, 2014), surge a proposta de jornalismo de subjetividade. Moraes e Veiga da Silva (2019) propõem uma virada epistemológica como estratégia desestabilizadora dos modos redutores de representação da imprensa, identificando nas bases positivistas do jornalismo limitações quanto a questões relacionadas a raça e gênero, por serem baseadas na neutralidade e na noção de sujeito universal (o homem, branco, heterossexual, ocidental). Nesse sentido, as autoras reconhecem a possibilidade de uma produção com maior potencial de compreensão “nos planos individual e coletivo” (MORAES, 2022).

Apesar do destaque dado à crítica à objetividade, conceito muito adotado no *hardnews*, o jornalismo de subjetividade busca por uma prática mais reflexiva, perpassando todas as etapas de produção jornalística, nos mais diversos suportes e categorias. Aqui demonstramos, o encontro imprevisto e potente entre histórias em quadrinhos e o jornalismo de subjetividade. Surgido de angústias comuns diante da abordagem do jornalismo tradicional, o Vozes (In)visíveis e a proposta jornalística aparecem como diferentes ferramentas de ruptura, no sentido epistemológico, e de resistência, no sentido de direito a humanização de grupos oprimidos. Juntas, se tornam um importante instrumento desarticulador de propostas excludentes e limitantes.

Embora o Vozes (In)visíveis não tenha adotado conscientemente o conceito de jornalismo subjetividade, estão presentes na publicação os elementos que o configuram. Segundo Moraes (2022), identificá-los é “importante não só para a compreensão desse posicionamento (termo que me interessa porque nele consigo pensar reflexão e ação), mas porque todos são mobilizados na ação transformadora que pode se enquadrar, noticiar, reportar” (Moraes, 2022, p. 106). No jornalismo de subjetividade, estão articulados: reflexividade contínua sobre ensino e prática; crítica aos valores notícia; capacidade criativa/criadora; dimensão ativista e sensibilidade hacker; e inteseccionalidade.

No geral, mulheres e pessoas LGBTQs são retratadas de modo estereotipado nos jornais, geralmente ligados a casos de violência. Ao buscar tratar da questão LBT em Campo Grande (MS), através da perspectiva da dificuldade de acessar direitos, a HQ apresenta uma abordagem diferente, ainda que ligada de alguma forma a uma violação, demonstrando o esforço de uma reflexividade teórica materializada no campo prático.

Nesse sentido, Sylvia Moretzsohn (2007 *apud* Morais, 2022, p. 109) destaca “o exercício de uma criticidade contínua sobre o pensar-fazer no jornalismo, que acompanhe os fenômenos sociais igualmente contínuos ao nosso redor”.

Como crítica aos valores-notícia, a produção rompe com o critério da notoriedade ao dar visibilidade a pessoas não conhecidas do grande público, mesmo que algumas personagens atuem na formulação e aplicação de políticas públicas. Também questiona o critério do interesse, ao não partir necessariamente de dados sobre o assunto, apesar de isso estar mais ligado a dificuldade de obtê-los do que a opção por não usá-los. O empecilho acaba dando destaque ao relato dos entrevistados e apontando para outras problemáticas. No sentido de capacidade criativa/criadora, a própria associação entre jornalismo e arte é suficiente para legitimar esse elemento. “No bojo desse jornalismo de subjetividade, entendo o próprio campo da arte (a literatura, as artes visuais, o cinema, o documentário, a performance etc.) como um lugar possível para o exercício da prática jornalística” (Morais, 2022, p. 127).

A dimensão do ativismo, engajamento e sensibilidade hacker se manifesta no próprio fato da autora se tratar de uma militante da causa LBT, apesar de Morais (2022) não apontar isso diretamente como uma necessidade para atingir tal critério, ampliando e tornando mais estratégicas suas possibilidades. Segundo ela, a sensibilidade hacker “é antes de tudo um posicionamento reflexivo da jornalista, que pode se utilizar de maneira tática dos meios nos quais atua para produzir contranarrativas e desestabilizar naturalizações” (Morais, 2022, p. 151). Uma demonstração evidente desse aspecto é que a produção ser financiada pela Lei Paulo Gustavo, que destina recursos federais para projetos culturais. Embora o poder público tenha a obrigação de atender critérios específicos na defesa de direitos humanos, sabemos que a aprovação desse tipo de recurso não está totalmente livre de filtros ideológicos. Portanto, podemos considerar que o assunto abordado na produção causa fissuras em um sistema. O fato do HQ ser distribuído digitalmente também dialoga com práticas hackers, permitindo outra dinâmica de circulação do material.

Por fim, o elemento da interseccionalidade é colocado por Morais (2022) como uma chave da constituição de um jornalismo de subjetividade, sendo uma ferramenta poderosa “para compreender melhor maneiras de superar o ‘mal entendido’” (Morais, 2022, p. 163). O referencial dá “conta de que são justamente os grupos nos quais se

entrecruzam mais estigmas e opressões que podemos perceber as representações midiáticas mais problemáticas” (Morais, 2022, p. 163). Desta forma, o Vozes (In)Visíveis contempla tais elementos ao trazer histórias de mulheres LBTs, demarcando assim uma perspectiva de gênero como primordial, mas considerando a diversidade dos grupos ao retratar personagens de diferentes raças, classes sociais e idades.

Vozes (In)Visíveis segue a proposta metodológica do Jornalismo em Quadrinhos (JQ), campo jornalístico relativamente novo em matéria de produção e investigação acadêmica, mais de produções muito profícuas. Desta forma, analisamos a HQ de acordo com pesquisadores que colocam o JQ num campo de analogia com o Jornalismo Literário. Um dos conceitos que somam nessa análise é o de personagem-fonte, trabalhado por Paim (p.253, 2014) quando afirma que “no jornalismo, figurativizar a fonte (ou seja, transformar a fonte em personagem) significa humanizá-la”. A visualidade dos quadrinhos adiciona uma camada complexa, incorporando elementos à composição deste personagem e também da própria narrativa. Essa complexidade é ainda mais explorada pelas dinâmicas da arte-sequencialidade e da participação do jornalista enquanto personagem dentro dos quadrinhos jornalísticos e também podem representar um contraponto com uma das correntes mais abordadas dentro do jornalismo *mainstream* brasileiro: a subversão ou a quebra da objetividade jornalística.

Tal quebra também é entendida por Gimenes (2023), quando sugere, pioneiramente, que o JQ contempla análises contextuais interna e externa, além de utilizar o método da estrela de sete pontas, de Pena (2006), também importado do Jornalismo Literário. Essa constatação torna ainda mais evidente o motivo da abordagem teórica neste trabalho, que abrange tanto teorias literárias (Jornalismo Literário e Escrivências), quanto jornalísticas, criando um corpo condizente com o material analisado: um livro reportagem em quadrinhos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os quadrinhos jornalísticos carregam uma transversalidade entre a subjetividade artística e jornalística, tornando a experiência de consumo do material interessante e complexa, como demonstrado na análise aqui feita. O JQ se apresenta como campo jornalístico contestador das noções de objetividade e imparcialidade, como se propõe o próprio jornalismo de subjetividade. A premissa da confluência entre esses dois conceitos

pode ser aprofundada, ainda, na análise da produção destas obras. Desde o processo de elaboração da pauta até o processo de publicação da “Vozes (In)Visíveis”, encontramos elementos da construção da reportagem que a evidenciam enquanto material de resistência e detentor de elementos da subjetividade. Estas características contribuem para a compreensão de um Jornalismo de Subjetividade através do Jornalismo em Quadrinhos construído na HQ-reportagem analisada.

## REFERÊNCIAS

DUARTE, Marina. **Vozes (In)Visíveis**: relatos de resistência LBT em Campo Grande (MS). Campo Grande: Avuá, 2025.

GIMENES, Carolina Rampi. **Jornalismo em Quadrinhos**: Uma proposta de Análise. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). 2023.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosada (Org). **A Escrivência**: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. -- 1. ed. – Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

JARA, Tainá Mendes. **#NenhumaAMenos**: Redes sociais e feminismos nos fluxos informativos do caso de feminicídio de Mayara Amaral. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7966194#](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7966194#)> Acesso em: 15 mai. 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**. São Paulo: Loyola, 2004.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre:Arquipélago, 2022.

PAIM, Augusto Machado. **A Personagem-fonte no Jornalismo em Quadrinhos**: Entre a Ficção e a Não Ficção. Revista de Estudos Literários. Vol. 4; Personagem e Figuração. Coimbra, 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSÁRIO, Nisia Martins do; COCA, Adriana Pierre. **A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação**. In: Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS, v.19, n. 41 [34-48] set-dez 2018. Disponível em: <[https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/5481/2551](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5481/2551)>. Acesso em: 14 mai. 2024.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

VEIGA DA SILVA, Marcia; MORAES, Fabiana. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero**: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi>> Acesso em: 25 jun. 2022.